



NARRAR, O AINDA, NÃO NARRADO: ROMPENDO SILÊNCIOS SOBRE A PRODUÇÃO DE UMA DISSERTAÇÃO

Thays Alves de Oliveira

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

thays.alves@ufms.br

<https://orcid.org/0000-0003-3744-6324>

Daniele Costa Silva

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

danielesilva@utfpr.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-0684-8024>

Vanessa Franco Neto

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

vanessa.neto@ufms.br

<https://orcid.org/0000-0002-2129-8040>

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo narrar o caminho da construção de uma dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Durante o processo de Graduação de uma das autoras no curso de Licenciatura em Matemática, da instituição já mencionada, ela se viu percorrendo um caminho em direção a sua negritude, quando em uma das aulas sofria ataques racistas de uma colega e se sentia aprisionada pela falta de espaço para discutir as violências que o seu corpo negro sofria. Foi nesse experimentar e com o questionamento: “será que outras professoras negras de Matemática passaram por situações semelhantes em seus processos de formações?”, que surge a dissertação com o objetivo de analisar a trajetória de formações de professoras negras de Matemática que atuam no curso de Licenciatura em Matemática das Universidades Públicas de Mato Grosso do Sul e, dessa forma, compreender os atravessamentos de questões raciais e sociais nos processos de formação dessas docentes. Dito isso, escolhemos narrar nesse trabalho os processos de construção de uma dissertação. O que se pode narrar quando optamos contar sobre esses processos? Mais do mesmo ou (re)significar o já vivido?

Palavras-chave: Educação Matemática; Interseccionalidade; Análise Crítica do Discurso; Processos; Experiência.

Às vezes precisamos contextualizar...



Nosso intuito com esse artigo é produzir um texto narrativo e com isso, narrar sobre o processo de construção da dissertação de uma mestranda, hoje doutoranda em Educação Matemática e uma das autoras nesse artigo. O que vamos contar são as etapas que percorremos para que no dia 01 de março de 2024, a Thays defendesse e se tornasse Mestre em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Nesse contar serão apresentadas às leitoras, não somente, a construção do objetivo, procedimentos metodológicos, teorizações e conceitos utilizados, e resultados encontrados ao longo desses processos. Não queremos apenas apresentar essas etapas, e sim (re)significar e aprender com essa narração quando optamos por experienciar essas trajetórias percorridas.

Apesar dessa comunicação ser escrita em conjunto com Daniele e com a Vanessa, a próxima sessão será escrita na primeira pessoa do singular e com a narração do experienciar de Thays, pois apesar de aprender e construir a dissertação com as outras autoras dessa produção, era ela que estava à frente nesse caminhar.

Essa narrativa é baseada na história de vida de uma mestranda em construção, a Thays, e nossa intenção aqui é produzir e dialogar com experiências que marcaram e marca a Thays durante o seu processo de elaboração da sua dissertação de Mestrado.

Um tornar-se da dissertação...

Jorge Larrosa (2020) uma vez me disse, ainda na Graduação e no processo de construção da monografia (Oliveira, 2021), que só podemos falar daquilo que nos marca, que nos toca, que nos passa e que nos acontece. E a isso ele chama de *experiência*, um sentir que nos permite (re)significar aquilo que já vivemos e assim, ter modos de dizer e pensar, olhar e escutar, ler e escrever. A *experiência* nos permite se situar em um lugar/espaco para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade. De acordo com Larrosa (2020), a *experiência* podem ser aberturas, inícios, modos de prosseguir, caminhos de vida, possibilidades do que não se sabe. Ou seja, não conseguimos, e nem sei se queremos, definir o que seria, tampouco

não se pode pedagogizar, nem didatizar, nem programar, nem produzir a experiência; a experiência não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia; a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece (Larrosa, 2020, p. 13).

Ainda,

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às

vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto (Larrosa, 2020, p. 10).

Escrever pelo caminhar da *experiência* é transformar o que já sabemos para deixar de sermos o que somos para ser outra coisa, diferente da que vimos sendo. Segundo Jorge Larrosa (2020), produzir com a *experiência* é converter escritos em cantos que atravessam o tempo e o espaço para ir de encontro com linguagens, pensamentos e subjetividades dominantes. O que quero dizer é que não iremos definir nada aqui, e sim produzir caminhos que possibilite sentir livremente.

O que pretendo com isso é sistematizar, ou/e argumentar, sobre a *experiência* que me atravessou quando produzi uma dissertação de Mestrado, e que continua atravessando depois de finalizada. Ou melhor, o que farei aqui é produzir um texto narrativo em que a *experiência* dite o meu caminhar e o melhor caminho a ser seguido neste texto. E é pensando nisso que acredito não ter uma temática melhor para os estudos na Pós-Graduação, ou melhor para qualquer estudo, do que aquelas em que acreditamos e que de certa maneira nos move em direção a sentidos outros. A “melhor” temática é aquela que nos toca, que nos marca, que nos faz refletir sobre as nossas vivências a ponto de a *experiência* ser o sentir e o caminhar da produção. Não quero romantizar o processo de pesquisar sobre algo que nos toca, e nos marca, pois nem sempre temos estômago para produzir sobre. Às vezes isso se impõe, às vezes esses caminhos podem ser bem difíceis e dolorosos.

Dito isso, acho pertinente começar do início [que redundância], para que a conversa, aqui produzida, possa te tocar, te marcar de alguma forma a ponto das minhas palavras lhe permitir sentir, alguma, *experiência*.

As partes mais inquietantes, para mim, nesse processo todo de se produzir uma dissertação são: processo de seleção, conhecer a orientadora, definir o projeto, submeter ao Comitê Ético de Pesquisa [se necessário], selecionar teorizações, estudar sobre as teorizações, produzir conversas/narrativas/histórias [a depender da sua Metodologia e dos Procedimentos Metodológicos], escrever para Qualificação, apresentar [qualificar], ouvir [ou chorar com a banca], corrigir o texto com as sugestões da banca [ou mudar tudo], escrever o texto para a Defesa, defender [apresentar novamente], e por fim escrever a versão final da dissertação. Ou seja, para mim o processo como um todo é inquietante.

Mas, pararam para pensar que estamos, na verdade eu estou ou/e estava, em um *looping* em que o que realmente importa é apenas o resultado, o produto, a dissertação? E o que eu senti? Quais foram as emoções e os sentimentos que me marcaram e me atravessaram enquanto

estava em busca de alcançar os meus objetivos? Até que ponto centralizei a dissertação e produzi à margem das minhas emoções e sentimentos? Difícil responder essas perguntas, tampouco sei se quero respondê-las. Porém, o que eu dou conta de ressignificar, neste momento, quando decido neste texto centralizar as minhas emoções e sentimentos? O que dou conta de narrar nesse texto?

Enquanto produzia a monografia, as questões raciais, por ser uma mulher negra em busca da sua própria negritude, fizeram cortes em mim tão profundos e dolorosos que era, foi e continua sendo, quase impossível que esse caminhar não continuasse a definir as minhas pegadas. Não quero transparecer que acho “lindo” escrever sobre esses processos que amargam e fazem sangrar, quero explicitar que mesmo sendo difícil eu escolhi (re)significar e aprender enquanto estava, e acredito ainda estar, em busca da minha identidade. E isso é narrar sobre nossas *experiências*, é escolher o que estamos preparadas e prontas para contar e (re)experienciar.

Vocês já sentiram que algo te sufocasse tanto a ponto de te paralisar? A ponto de não deixar que pensem em caminhos outros para seguir? Foi assim que me senti quando arrancaram a máscara que construí para que as raízes do racismo não se infiltrassem em mim. Como se elas já não estivessem profundas e infiltradas o bastante. Não estou dizendo que me arrependo de ter me desfeito, me desprendido, desse silenciamento e apagamento em que estava inserida, o que digo é que existem maneiras mais “saudáveis” [se é que isso de fato existe], que não ataques racistas, para que uma mulher negra se descubra assim. Segundo Lélia Gonzalez (2020, p. 269-272) a “gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, etc., mas se tornar negra é uma conquista [...] a negritude é identidade, solidariedade e fidelidade”. Esse tornar-se mulher negra é uma aceitação e uma conscientização da sua identidade, da negritude. E me identifico com a narrativa de Bianca Santana (2015), quando ela diz:

Tenho trinta anos, mas sou negra há dez anos. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras [...], para os coleguinhas – que talvez não tomassem tanto sol – e para toda a família que nunca gostou do assunto. “Mas a vó não é descendente de escravos?”, eu insistia em perguntar. “E de índio e português também”, era o máximo que respondiam. Eu até achava bonito ser tão brasileira. Talvez por isso aceitasse o fim da conversa [...] Pensei muito e por muito tempo. Por que o fato de sermos negras e negros nunca foi falado em minha família? Senti que a ascensão social tinha clareado nossa identidade. Mais tarde percebi que o medo das tantas violências sofridas por pessoas negras do Brasil foi outra razão para o nosso branqueamento. Óbvio que somos negros. Se nossa pele não é tão escura, nossos traços, cabelos, vivências, histórias revelam o grupo social a que pertencemos [...] Eu fui branqueada em casa, na escola e na universidade [...] O branqueamento apaga de nossas memórias as conquistas que nós, pessoas negras, temos tido ao longo da história do Brasil. Conquistas individuais e coletivas. Afirmo com alegria que sou negra há mais de dez anos (Santana, 2015, p. 13-15).

Diferente de Bianca, eu sou negra há sete ou oito anos. Difícil delimitar e estabelecer uma data em que me propus a entender mais sobre quem sou. Mas, o mais importante de tudo isso é poder dizer em alto e bom som que hoje eu tenho plena consciência de quem sou. E foi nesse desenhar que me dispus a pesquisar, que me coloquei em processos em que pudesse me transformar por meio de narrativas de outras professoras negras de Matemática, que eu pudesse ter “uma versão minha atualizada não a mesma da infância, não a mesma que escreve e sim, outra que produziu significado e ressignificou as experiências vividas” (Oliveira, 2021, p. 13). Mas, mais do que uma versão minha atualizada, me coloquei frente a produzir uma dissertação em que pudesse ouvir sobre, e com, histórias de mulheres negras, que são professoras de Matemática, me coloquei em processo de escuta atenta e ativa para que narrativas outras pudessem florescer e transbordar. Já estava escuro para mim que discutir sobre questões raciais dentro do campo da Educação Matemática era o que me motivava, e continua me movimentando, a ingressar no curso de Mestrado. Mas após uma busca nos bancos de dados e nas pesquisas que o PPGEduMat produz e, os trabalhos que já foram produzidos nessa área de modo geral, a insegurança se fez presente. Quem vai me orientar nesse processo? Será que se produz pesquisas com essa temática? Será que o que estou propondo é pesquisa para esse campo? Esses são alguns dos sentimentos iniciais, de angústia, que me cercaram quando decidi produzir a dissertação.

Não quero tornar esse escrito uma seção de elogios, e não farei isso, mas é importante salientar que determinados sentimentos e emoções são sanadas, ou mais bem exploradas, quando se propõem em pesquisar *com: com* as teorizações, *com* os processos, *com* a orientadora, *com* temáticas que movem e não te paralisam. Então, é importante dizer que as orientadoras¹ que decidiram caminhar comigo me ajudaram a externalizar a potência que é quando optei por me tornar pesquisadora e, mais do que isso, quando me proponho a pesquisar sobre temáticas que atravessam a minha vida. Acredito que a relação entre orientadoras e orientanda é o primeiro passo nessa trajetória, e nesse processo não tive nenhum problema em relação a isso pois, consegui estabelecer um companheirismo mútuo. Também é importante de se dizer, mais uma vez, que o que narro aqui são as minhas percepções, vivências e experiências a partir desse relacionamento. Pontuo isso porque é a partir desse passo que se começa a produzir uma dissertação.

¹ Falo em orientadoras porque a partir de abril de 2023, optamos por trabalhar com uma coorientadora. Por isso, em alguns momentos farei a variação em orientadora e orientadoras, para mostrar que em alguns momentos éramos duas e em outras éramos três.

Lembro que na minha primeira reunião de orientação eu estava demasiadamente nervosa: será que ela vai me fazer rasgar o meu pré projeto? Será que a temática vai ser uma ideia que está na mente dela e não na minha? Será que ela gostou do que escrevi? Será que ela gosta de mim? Será que ela queria me orientar ou foi o que sobrou já que nos conhecíamos minimamente? Perguntas, angústias, essas que foram deixadas de lado quando começamos a conversar e as risadas surgiram. Risadas não de nervosismo ou fingimento, risadas que me diziam que nossa relação seria de muitas trocas e não de imposições. Foi nessa reunião em que a Vanessa me propôs abandonar a ideia de trabalhar com Gilles Deleuze e me convidou a estudar e pesquisar com o conceito de Interseccionalidade.

Confesso que não sabia nada sobre esse assunto, o que é normal e aceitável, e na ingenuidade achei que se tratava de alguma discussão do Michel Foucault, visto que Vanessa é uma estudiosa desse filósofo. Imaginem a minha surpresa quando ela me falou que esse conceito surgiu a partir do Movimento Negro, foi nesse momento que percebi que a minha orientadora de Mestrado estava à vontade para estudar comigo essas questões, e nesse caso aqui ambas estavam. Minha primeira reação, depois da orientação, foi comprar todos os livros em que no título aparecia a palavra Interseccionalidade, e foi assim que comecei os meus estudos, lendo artigos e livros para descobrir e entender quando/onde/por quê/qual a finalidade desse conceito e como poderia utilizar no meu trabalho.

Acho válido mencionar que na dissertação eu fiz toda uma construção sobre o conceito de Interseccionalidade, o que não farei aqui. O que farei, e o que dou conta no momento, é dizer o que tenho entendido após ler Carla Akotirene (2019), Patricia Hill Collins (2015) e Kimberlé Crenshaw (2002), referências que me ajudaram nessa construção. Sendo assim, tenho pensado o conceito de Interseccionalidade como sendo uma das maneiras mais conscientes para fazer/realizar uma leitura do/sobre o mundo, levando em consideração os marcadores sociais e da diferença – gênero, raça, classe, território, sexualidade, religião, dentre outros - que marcam determinados corpos. Ela, a Interseccionalidade, apresenta como foco pensar as múltiplas e simultâneas desigualdades que acumulam em corpos negros, em específico o de mulheres negras com quem me propus a conversar. Tampouco, esse conceito, tem a intenção de hierarquizar as formas de opressão (Oliveira, 2024), o que ela faz é denunciar as desigualdades que juntas operam na (re)produção de exclusões.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são

interrelacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2021, p. 15-16).

E foi com esse conceito que defini como objetivo da dissertação analisar a trajetória de formações de professoras negras de Matemática que atuam no curso de Licenciatura em Matemática das Universidades Públicas de Mato Grosso do Sul e, dessa forma, compreender os atravessamentos de questões raciais e sociais nos processos de formação dessas docentes. É difícil e angustiante esse momento em que se bate o martelo e, de certa forma, define um objetivo que seguirá comigo ao longo da produção. Não é que não se pode alterar ao longo do caminho, mas em apenas dois anos para concluir o Mestrado não é tão tranquilo de se pensar em ficar mudando seus objetivos. São com eles que se pode pensar em como serão elaborados os caminhos para a análise, uma etapa que a meu ver é o processo mais trabalhoso em inquietante em toda essa jornada. Será que estou analisando certo? Os conceitos têm sido bem utilizados? Será que estou sendo tendenciosa com as narrativas? Será que a banca vai solicitar que eu refaça essas análises? São alguns dos questionamentos que demarcam a principal etapa da construção da dissertação.

Após a definição dos objetivos e de estudar, um pouco, sobre o conceito de Interseccionalidade a ansiedade assumiu o controle quando percebi que a dissertação estava caminhando para que eu conversasse com outras mulheres negras. Além da ansiedade, também senti timidez por ter que conversar com pessoas que não conheço ou tenho pouca intimidade. Se elas não quiserem contar sobre seus processos de formações? E se elas não falarem sobre o que eu almejo que elas falem? Será que ainda terei uma pesquisa? E se elas chorarem nesse contar? E se ficar um silêncio constrangedor? Que vergonha, imagina eu indo na casa dessas mulheres. Era assim que eu estava antes de começar a estudar sobre o processo de narrar. E foi retomando leituras de Christine Delory-Momberger (2012) que fui sentindo um certo conforto para que essas conversas se tornassem um espaço agradável para trocas, pois ela menciona que “a narrativa não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra” (Delory-Momberger, 2012, p. 82). Para além disso, a “narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si” (Souza, 2006, p. 14).

Foi com leituras como essas citadas acima que percebi que as Entrevistas como modo de produção de Narrativas (Clandinin e Connelly, 2011; Bruner, 2014; Jørgensen, 2022) era a maneira mais inteligente, para o momento, para que eu continuasse a construir e produzir a

dissertação. É interessante dizer que na produção da monografia eu trabalhei com Narrativas (Auto)Biográficas, mas no Mestrado eu tenho trabalhado apenas com as Narrativas, como modo de refletir e ressignificar a sua própria história quando desejo narrá-la. Com o narrar das histórias de vida conseguimos construir nós mesmas para (re)compor e (re)significar as experiências.

A narração de histórias é uma prática espacial em que as pessoas recontam experiências para as tornar aptas a aparecer em público. A narração é um meio importante de ação política que pode ser utilizado para abrir espaços e intervir e mudar as práticas das organizações [...] Esta capacidade de contar histórias está viva em todos nós e pode ser atualizada mesmo que tenhamos diferentes possibilidades de ação (Jørgensen, 2022, p. 13 – *tradução nossa*).

Salientando também que

as pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades (Clandinin e Connelly, 2011, p. 27).

Foi após a construção das narrativas que senti a necessidade de utilizar outra teorização que me impulsionasse em caminhos outros. Lembro que quando comecei a estudar o conceito de Interseccionalidade de alguma forma eu já sabia que não seria o suficiente para concluir. Durante esse processo a maturidade que vamos adquirindo nos permite perceber que determinados conceitos não darão conta de analisar as potências que surgiram nas narrativas. E foi isso que eu percebi quando li/ouvi uma das quatro entrevistas que realizei que a Interseccionalidade precisaria de algo a mais para finalizar. Foi desse modo que comecei a estudar sobre a Análise Crítica do Discurso (ACD) (Resende, 2020; Wodak, 2004) que me ajudou a pensar nos discursos que são normalizados em nossa sociedade e que aparecem/apareceram nas narrativas. Ou seja, a ACD me possibilitou denunciar os instrumentos de poder e controle, no caso aqui os discursos. Ou seja, uma crítica e denúncia estrutural e institucional dos discursos dos sujeitos que gozam das oportunidades e dos privilégios. Pois, esse poder naturaliza, estabelece e manipula hierarquias sociais. Sendo assim, a ACD pode ser entendida como um

Campo fundamentalmente interessado em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem. Em outras palavras, a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou do discurso) (Wodak, 2004, p. 225).

São com essas intersecções de teorizações e conceitos que me possibilita apresentar alguns resultados que, de certa forma, significam o nosso caminhar até aqui. Sempre que

produzimos alguma pesquisa os resultados, o que consegui concluir, são o que define esse processo. Não é sempre que encontramos trabalhos que mostre como foi esse caminhar, que mostre os altos e baixos, que mostre que não é tudo perfeito, e talvez aqui esteja um dos principais resultados que a minha pesquisa mostra: o processo de construção de uma pesquisa não é linear, é um caminho em que os sentimentos e emoções nos mostraram e mostram o quanto somos frágeis e não estamos no controle. Mas, por outro lado, são esses “descontroles” que nos fazem nos constituir enquanto pesquisadoras. As frustrações e as mudanças de rotas, também são resultados que podem ser mais bem explorados, e eu esperava que no construir das narrativas as professoras negras me contassem que a Matemática foi um forte marcador em suas trajetórias de formações, assim como essa área foi para mim. Mas, isso não aconteceu e por um bom tempo acreditei que não teria resultados a serem concluídos nessa etapa, porém a ausência pode ser entendida como um resultado também. E foi desse modo que procurei trabalhar, a falta de alguns discursos me fez pensar que os padrões que a nossa sociedade impõem são apagamentos, silenciamentos e opressões, que determinam como seremos vistos.

Além disso, esses discursos contribuem para que a construção das instituições de ensino superior sejam formadas por corpos que não ditam o que compõem a sociedade. Ou seja, “a universidade vem sendo produzida nos moldes de uma suposta universalidade - homem branco cis hétero -, que certifica quais corpos devem produzir conhecimentos e, mais que isso, quais deles são válidos para pertencerem ali” (Oliveira, 2024, p. 33). Esse era um dos resultados que eu esperava que a dissertação alcançasse, que ela rompesse, de certa forma, com essa hegemonia branca e masculina que compõem o meio acadêmico.

Ouvir outras vozes narrando histórias próximas das minhas, me fez escapar e ao mesmo tempo odiar, mesmo que esse sentimento reafirme a lógica estruturada e engessada desse mundo, mais um pouco esse mundo que com o passar do tempo não tem melhorado. Trabalhar com professoras negras de Matemática que atuam no curso de Licenciatura em Matemática me fez perceber que a universidade tem um padrão de corpo, e que o corpo negro não faz parte dessa universalidade que é propagada nesse espaço. Mas como ocupar esses espaços se não nos vemos lá? A partir do momento em que as mulheres negras passam a se sentir pertencentes e ao mesmo tempo subverter ambientes sociais e de poder em que estão tentando ser inseridas, é que o processo de inclusão e pertencimento acontece (Oliveira, 2024, p. 77-78).

Ou seja, o que propus neste caminhar fazer, e acredito ter cumprido, foi almejar que a minha pesquisa de Mestrado e a construção da dissertação pudesse sensibilizar quem a lê, que pudesse expandir fronteiras, que as pessoas pudessem compreender que podem se empoderar com suas histórias de vidas. Um tornar-se dissertação que denunciasse os discursos e as padronizações da nossa sociedade.

Em resumo o que posso dizer, de modo geral, é que produzi uma dissertação em que me propus a conversar e produzir diálogos com mulheres negras que são formadas em Matemática e que atuam como formadoras no curso de Licenciatura em Matemática, para entender como as questões raciais e sociais perpassaram e perpassam, e atravessam, as experiências dessas mulheres. Ou seja, utilizei entrevistas como modo de produção de Narrativas (Clandinin e Connelly, 2011; Bruner, 2014; Jørgensen, 2022). Para ouvir essas mulheres tracei como objetivo analisar a trajetória de formações de Professoras negras de Matemática que atuam no curso de Licenciatura em Matemática das Universidades Públicas de Mato Grosso do Sul e, dessa forma, compreender os atravessamentos de questões raciais e sociais nos processos de formação dessas docentes. Mais do que isso construí uma questão de pesquisa que traçou o melhor caminho a ser seguido nessa produção: de que formas os marcadores sociais se interseccionam (re)produzindo múltiplas e simultâneas desigualdades nos processos de formação de professoras negras que atuam como formadoras em cursos de Licenciatura em Matemática?

Para responder essa pergunta, ou tentar, e alcançar o objetivo proposto fiz o uso do conceito de Interseccionalidade (Akotirene, 2019; Collins, 2015; Crenshaw, 2002) em conjunto com a Análise Crítica do Discurso (Resende, 2020; Wodak, 2004). E formalizando, obtive como resultados uma discussão sobre o lugar de servidão e cuidado da mulher negra que social e culturalmente é condicionada nesse espaço. O que proporcionou às professoras negras de Matemática o sentimento de não pertencimento ao seu local de trabalho e para além dele. Um outro resultado que apresento é a possibilidade de cosmopercepção (Oyěwùmí, 2021) para a Matemática como um espaço seguro para meninas negras que se apoie nessa área para “fugir e escapar” do racismo que as acometem. E como um dos principais resultados que apresento é como sistema e a sociedade estrutural contribui para que as mulheres negras não percebessem o racismo que marcaram e marcam suas vivências e experiências. E depois disso, desse contar de uma trajetória, o que posso concluir?

Depois dessa narração, talvez o que consigo concluir, ou finalizar, em um texto narrativo seja uma pausa que me possibilita dar um fôlego, um suspiro, um tempinho a mais, para que em um futuro próximo consiga experienciar novamente, não narrando o já narrado, mas caminhos outros que me possibilitará percorrer quando decidir reviver, ou rememorar, o que tenho narrado e produzido. Ou seja, acredito que um texto desse caráter e entonação não se finaliza, apenas cria fissuras e brechas para que diálogos e inquietações futuras possam existir.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade Feminismos Plurais**. Pólen, 2019.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. Letras e Voz, 2014.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na Pesquisa Qualitativa**. EDUFU, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, n. 2, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 30 de jul. 2024.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica: Tomo I**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 71-93.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Zahar, 2020.

JØRGENSEN, Kenneth Mølbjerg. Storytelling, space and power: An Arendtian account of subjectivity in organizations. **Organization (London, England)**, v. 29, n. 1, p. 51–66, 2022.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Autêntica, 2020.

OLIVEIRA, Thays Alves de. **Narrativas (Auto)Biográficas da Experiência como Processos de Resignificações de uma Licencianda em Matemática**. 2021. 63f. Monografia (Licenciatura em Matemática) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. INMA/UFMS, Campo Grande – MS. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4681>. Acesso em: 18, jul. 2024.

OLIVEIRA, Thays Alves de. **Trançando Narrativas de Professoras Negras de Matemática sob uma Cosmopercepção da Análise Crítica Interseccional do Discurso**. 2024. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. PPGEducMat/UFMS, Campo Grande – MS. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/8512>. Acesso em: 18, jul. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A Invenção das Mulheres: construindo um Sentido Africano para os Discursos Ocidentais de Gênero**. Bazar do Tempo, 2021.

RESENDE, Viviane de Melo. Descolonizar os estudos críticos do discurso: por perspectivas Latino-Americanas. **Critical Discourse Studies**, 2020.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri Negra**. SESI-SP editora, 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. DP&A, 2006.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – Um resumo de suas histórias, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 4, p. 223-243, 2004.

